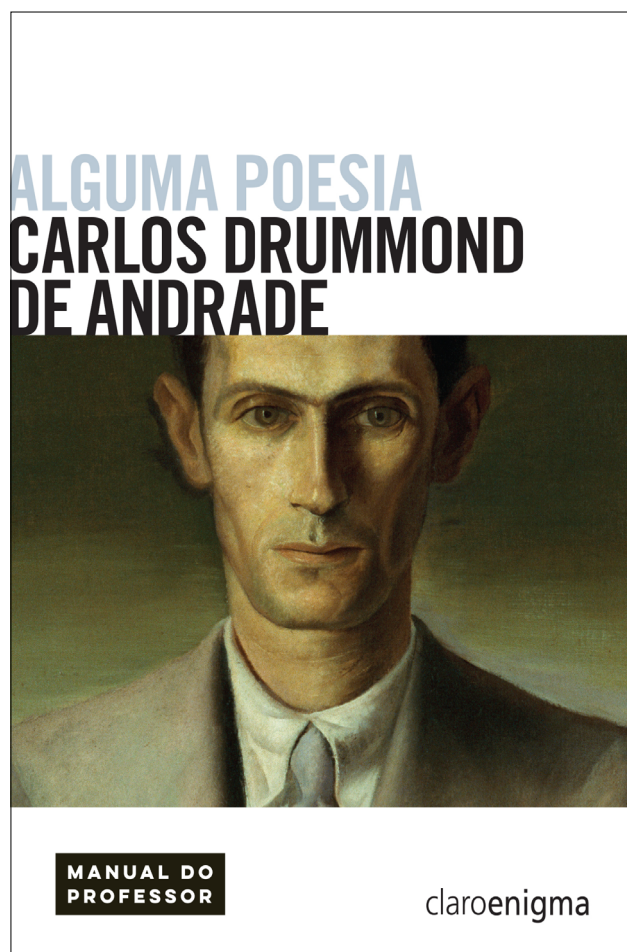


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA LUIZA GUIMARÃES DE MORAES,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



claroenigma

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA LUIZA GUIMARÃES DE MORAES,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO
ALGUMA POESIA

AUTOR
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

TEMAS
**PROJETOS DE VIDA;
CIDADANIA**

GÊNERO LITERÁRIO
POEMA

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Aminah Haman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moraes, Luiza Guimarães de

Material digital do professor — Alguma poesia / Luiza
Guimarães de Moraes ; coordenação de Maria Fatima da
Fonseca ; CEDAC. — 1ª ed. — São Paulo : Claro Enigma,
2021.

Bibliografia

ISBN 978-85-8166-152-0

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Andrade,
Carlos Drummond de. Alguma poesia. III. Fonseca, Maria
Fatima da. IV. CEDAC

21-0688

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — Parte cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

A leitura de poesia, 9

Uma poesia inquieta, 10

Percurso de leitura, 11

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

Pré-leitura, 13

Leitura, 16

Pós-leitura, 23

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**

Pré-leitura, 29

Leitura, 30

Pós-leitura, 33

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **36**

Sugestões de referências complementares, **40**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Alguma poesia*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos

literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Publicado em 1930, *Alguma poesia* é o livro de estreia do grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Certamente, quando a obra foi publicada, Drummond ainda não era grande. Jovem poeta da pequena Itabira — residente em Belo Horizonte —, sua primeira publicação teve pouco mais que quinhentos exemplares. Mas, como se pode ver logo na dedicatória (“A Mário de Andrade, meu amigo”), o autor já se relacionava com importantes representantes do modernismo e expoentes da literatura brasileira. Já se anunciava, talvez, o reconhecido poeta que ele viria a ser.

É só passar os olhos por *Alguma poesia* para percebermos que a estreia de Drummond marcou sua poesia e como foi fundamental para a recepção de sua obra e para a literatura nacional até hoje: “Poema de sete faces”, “Quadrilha” e “No meio do caminho”, por exemplo, são ícones da poesia brasileira, textos que fazem parte da nossa memória coletiva, com os quais muitos outros textos dialogam e aos quais sempre voltamos. Quantas obras, estudos, histórias não se referem direta ou indiretamente a “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”? Quantos de nós não completamos de cabeça “mais vasto é o meu coração”, quando ouvimos “Mundo, mundo vasto mundo”? Quantos de nós não sabemos que depois de uma longa sequência de amores não correspondidos, só Teresa se casou “com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história”? Quantas vezes já ouvimos e estranhamos que “no meio do caminho tinha uma pedra”? Enfim, a obra inaugural de Drummond, apesar do título modesto, nos trouxe um poeta novo e surpreendente, além de nos deixar marcas significativas, mesmo depois de o autor ter publicado tantos outros livros essenciais, como *Sentimento do mundo* (1940), *A rosa do povo* (1945) e *Claro enigma* (1951).

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, no interior de Minas Gerais, e gradualmente foi em direção à cidade grande: primeiro para Belo Horizonte, depois para o Rio de Janeiro. Durante seu exercício profissional, atuou como jornalista e redator em diversos jornais, além de integrar um gabinete do Ministério de Educação e Saúde entre as décadas de 1930 e 1940.

Sua principal produção e seu maior reconhecimento vêm do exercício como poeta, mas Drummond foi também notável contista e cronista, conforme vemos em publicações como *Caminhos de João Brandão* (1970), por exemplo, ou em diversas antologias lançadas postumamente.

Antes da publicação de *Alguma poesia*, Drummond já participava dos círculos literários de Belo Horizonte, tinha conhecido Oswald de Andrade (1890-1954) e Mário de Andrade (1893-1945) e publicado alguns poemas em jornais e revistas literárias. Os textos presentes na obra de estreia foram escritos entre 1925 e 1930 e alguns deles haviam sido publicados anteriormente. Inclusive, em 1928, tinha causado polêmica a publicação, na famosa *Revista de Antropofagia*, do poema “No meio do caminho”. A repercussão foi tamanha que o próprio autor compilou-a em 1967, no volume *No meio do caminho: biografia de um poema*. No início da década de 1930, para muitos parecia inaceitável que um poema sem rimas, com repetições excessivas, imagem e palavreado tão simples pudesse ser chamado de poesia. Outros, no entanto, reconheciam ali uma inovação relevante e consonante com os princípios do movimento modernista, sintetizado e amplificado pela Semana de 22, em São Paulo.

Fortemente influenciado por Mário de Andrade, a quem dedica *Alguma poesia*, Drummond se insere no contexto do que se convencionou chamar de segunda fase do modernismo (que vai mais ou menos de 1930 a 1945). Libertos do enrijecimento formal de gerações anteriores, em especial dos românticos e parnasianos, os autores da década de 1930 puderam aproveitar as conquistas de seus colegas fundadores do modernismo, ao mesmo tempo que não se sentiam impelidos a ter o mesmo compromisso militante de seus antecessores.

Drummond, com o lançamento de *Alguma poesia*, é o primeiro poeta brasileiro cuja obra se origina já pertencendo ao modernismo. Os poemas desse livro revelam as principais características do momento histórico: certo prosaísmo, falta de sentimentalismo, temas cotidianos, linguagem coloquial, uso do humor, entre outras. Os anos de 1930 marcam uma grande transformação social no Brasil e, também, a publicação de obras literárias fundamentais, como *Libertinagem*, de Manuel Bandeira (1886-1968).

A LEITURA DE POESIA

Notar como se constroem a poesia e os poemas de Drummond é uma experiência importante para os estudantes do Novo Ensino Médio. Mais do que isso, ler, comentar e fruir textos do **gênero poético** é fundamental para os estudantes desse segmento. A poesia, por meio de experimentações formais e do olhar aguçado para o mundo e para a língua, proporciona ao leitor um olhar diferente, peculiar, sobre aspectos da realidade (como o cotidiano, a sociedade, as relações interpessoais) e também sobre a própria linguagem.

[...] a poesia também é um alerta da linguagem sobre si mesma. Com a poesia o leitor faz algo mais do que olhar através da linguagem. Ele começa a “olhar” a linguagem em si, a linguagem já não é tão transparente como uma lente através da qual chegar ao significado de coisas diversas. A linguagem se torna opaca e se faz notar. (SIRO, 2010, p. 48)

No entanto, a leitura de poesia requer prática e familiaridade, e cabe à escola ajudar os jovens a navegar por esse universo, para que eles possam conhecê-lo e para que sejam capazes de apreciá-lo. Ler poesia requer uma atitude diferente da que adotamos comumente diante de outros tipos de texto, mesmo os literários: a poesia causa estranhamento, desconforto e muitos questionamentos. Conforme Teresa Colomer (2007), o fato de, muitas vezes, o significado do texto poético não se revelar logo no primeiro contato obriga a um esforço interpretativo maior que o habitual em outras leituras. Esse esforço envolve aproximações sucessivas do texto, leituras cuidadosas, releituras, trocas de impressões, encantamentos. Tudo isso não é natural, mas pode ser aprendido e ensinado na escola.

No Novo Ensino Médio, o contato, o estudo e a reflexão sobre poesia podem ocorrer de diversas formas, por meio de diferentes autores e tipos de poemas. Desde os clássicos da literatura e os autores mais canônicos, até as manifestações poéticas contemporâneas, passando pela tradição oral, entre outros. A obra de Drummond, *Alguma poesia*, oferece a possibilidade de os jovens conhecerem profundamente um dos autores mais importantes da literatura brasileira e também um escritor representativo de um momento

crucial na história de nossa literatura. O modernismo teve um impacto definitivo nos caminhos da produção nacional, inclusive na literatura contemporânea. Estudar as rupturas e continuidades presentes naquele momento de transformação cultural e suas relações com épocas anteriores e posteriores contribui para aumentar o repertório dos estudantes e ajudá-los a compreender de maneira mais complexa e crítica os textos que leem.

UMA POESIA INQUIETA

Além de ser uma obra emblemática, *Alguma poesia* tem uma particularidade que pode contribuir muito para a aproximação dos jovens com a poesia: a linguagem coloquial e a apresentação de temas do cotidiano ajudam a romper com a representação usual de que a poesia é elevada, própria de pessoas iluminadas e que, por conta da dificuldade de leitura, seria acessível a poucos privilegiados. O livro de Drummond tem o potencial de aproximar o leitor do universo da poesia e, quem sabe, de auxiliá-lo a enxergar poesia no cotidiano. É o caso, por exemplo, de “Infância”, que retrata uma cena comum em família, ou de “Cidadezinha qualquer”, que transpõe para versos um cenário corriqueiro e desimportante.

Mas o texto de Drummond tem também outra característica marcante. Com análise mais cuidadosa, entrevê-se em seus poemas um tema essencial: a relação *eu-mundo*. Esse tema, central em *Alguma poesia*, tem vínculo direto com a construção dos **projetos de vida** na adolescência e com as angústias e expectativas dessa fase. Também é um tema que problematiza as diversas formas de **cidadania** diante dos desafios políticos e sociais da contemporaneidade.

Na crítica a respeito de Drummond, há certo consenso sobre a tensão entre o sujeito lírico, ou a voz que fala nos poemas, e o mundo do qual faz parte. Essa voz representada nos poemas (ou eu lírico) mostra uma consciência acentuada que o sujeito tem de si e do mundo, ao revelar sentimentos de contradições pessoais e sociais. Tais contradições, tensões e ambiguidades são identificáveis em nossa própria vida, quando refletimos sobre as relações com aquilo que nos cerca e nos deparamos com a consciência que temos de nós mesmos. De acordo com Antonio Candido, no ensaio “Inquietudes na

poesia de Drummond” (2011), há uma *inquiétude* constante — ainda que mais esporádica ou discreta em *Alguma poesia* do que nas obras posteriores — do sujeito lírico em relação a si e aos outros. São do próprio Drummond os termos “um eu todo retorcido” e “tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo” — para classificar alguns de seus poemas em sua *Antologia poética* (1962).

Dessa forma, a leitura, a análise e a discussão dos textos de *Alguma poesia* podem contribuir para que os jovens reflitam a respeito de sua inserção no mundo e sobre a própria consciência de si e daquilo que os cerca. Os poemas dessa obra, com essas características, favorecem discussões sobre dúvidas e angústias dos jovens a respeito de si e do mundo, assim como o contato com as próprias emoções, sentimentos e sensações, podendo aproximá-los de forma subjetiva e lírica de suas expectativas e planos para o futuro. O forte questionamento que Drummond apresenta em relação a questões sociais e a tensões entre sujeito e mundo favorece também esse olhar subjetivo e sensível às questões coletivas e relativas às práticas cidadãs.

PERCURSO DE LEITURA

As propostas deste material buscam ajudar o professor a planejar os encaminhamentos de leitura de *Alguma poesia*, o que pode ser bastante desafiador. É preciso pensar sobre a tematização do gênero poema, bem como sobre o contexto histórico que possibilita o surgimento de um poeta como Carlos Drummond de Andrade e a publicação de um livro como este. Além disso, e principalmente, é necessário ajudar os estudantes a ler a obra em si, a fruir os textos poéticos que a compõem, a compreendê-los e interpretá-los.

São muitas as portas de entrada possíveis e inúmeros os aspectos que podem ser abordados. O percurso proposto coloca muitas aprendizagens em jogo, para além das habilidades relacionadas diretamente à leitura literária. Dessa forma, cabe ao professor eleger o que julgar mais pertinente a sua turma, considerando as experiências prévias e os principais objetivos de aprendizagem pretendidos no momento da leitura, assim como as adaptações necessárias a cada realidade.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

As sugestões de encaminhamento para as aulas de Língua Portuguesa propostas aqui consideram, de uma perspectiva ampla da formação do leitor literário, as características do gênero, as características formais dos textos e os temas gerais tratados nos poemas. Além disso, levam em conta o percurso dos estudantes, para que possam construir conhecimento e ser protagonistas de seu processo de aprendizagem.

O trabalho proposto a seguir está intimamente ligado e em acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estimulando, nos estudantes, competências e habilidades como:

Linguagens e suas Tecnologias

(EM13LG6704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

Língua Portuguesa

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos

da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

PRÉ-LEITURA

O QUE JÁ SABEMOS SOBRE POESIA?

Antes de entrar nas discussões sobre a obra em si, talvez valha a pena ouvir os jovens a respeito de experiências anteriores com o universo da poesia. Saber quais as representações e os conhecimentos deles em relação à poesia é importante para um planejamento adequado das intervenções necessárias. Essa conversa inicial pode ser feita de diferentes formas, como uma roda para a qual os estudantes tragam poemas previamente conhecidos para compartilhar com os colegas, por exemplo. Nessa roda, uma forma de eles participarem é ler em voz alta ou declamar um poema de que gostem, ou ainda narrar uma experiência que já tiveram com leitura de poesia. O professor pode incentivá-los a justificar suas escolhas e a dialogar com as escolhas dos colegas e, nesse momento, seria interessante que os estudantes se sentissem livres para dizer o que pensam e para trazer o material que julgarem conveniente. A partir dessa conversa inicial, algumas representações, dúvidas ou conhecimentos anteriores dos estudantes ficarão evidentes e podem contribuir para dar início a uma discussão com levantamento de hipóteses. Alguns questionamentos que podem surgir são, por exemplo: música é poesia? Poe-

mas sempre rimam? Os poemas precisam sempre ser escritos? O que será que define um poema? Se essas questões não surgirem de forma espontânea, o professor pode propô-las e promover uma breve conversa sobre elas. Nesse momento, as questões não precisam ser fechadas, afinal, os estudantes ainda passarão por um longo percurso de leitura de poesia e podem voltar a elas conforme o estudo avança. No entanto, é interessante registrar as hipóteses iniciais dos estudantes, para que eles possam consultá-las com facilidade no decorrer das atividades. Os registros podem ser escritos nos cadernos ou em um cartaz para ser afixado no mural da classe.

Outra possibilidade de atividade com objetivo semelhante de levantar os conhecimentos prévios dos estudantes é a exploração de livros ou sites de poesia. O professor pode selecionar alguns que contenham poemas bastante diferentes entre si e oferecer aos estudantes para que eles tenham a oportunidade de entrar em contato com uma grande variedade de exemplares do gênero e de compará-los, ainda que de forma inicial. Assim, os olhares ficarão mais aguçados para as características do texto poético, bem como, futuramente, para as particularidades da poesia de Drummond.

Se o grupo já souber ou perceber algumas características do gênero, pode ser interessante registrá-las para consolidar os saberes que eles já têm constituído. Por exemplo, talvez já saibam ou percebam que em geral os poemas são escritos em versos e estrofes, que muitas vezes há um ritmo bem marcado e rimas, que os poetas frequentemente usam figuras de linguagem, como metáforas, personificações e metonímias, entre outras. Mesmo que não usem essa nomenclatura, é uma oportunidade de apresentá-la de forma significativa e contextualizada para os estudantes. É provável que saibam ou percebam, também, que há uma enorme variedade na forma de composição de poemas, e que alguns não têm rimas ou ritmo marcado e outros nem são compostos em versos, exatamente. Seria interessante fazer um registro desses saberes já consolidados.

EXPLORAÇÃO LIVRE DE ALGUMA POESIA

Após essa etapa inicial sobre o gênero poético de modo geral, convém entrar na obra em questão. É muito importante que os estudantes possam explorar o livro que têm em mãos.

É uma oportunidade de, individualmente ou em duplas, eles olharem o livro e explorarem capa, contracapa, imagens e sumário, entre outros elementos. Se sentirem vontade, podem, inclusive, nesse momento, ler alguns poemas livremente — aqueles que chamem mais a atenção, ao folhear o livro. Depois da exploração, proponha um debate para que o grupo compartilhe o que já foi possível perceber sobre a obra nesse primeiro momento.

Eles conhecem algum dos poemas mencionados na quarta capa? O professor pode recitar o início de alguns deles, como “No meio do caminho” e “Poema de sete faces”, que talvez alguns deles conheçam. Por que será que se fala na quarta capa que é um “autor que marcaria as gerações futuras”? E que este é “um dos livros mais importantes da literatura brasileira”? Com essas perguntas, os estudantes começam a elaborar hipóteses relativas não apenas ao gênero poético, mas também à poesia de Drummond.

No momento de exploração da obra, ressalte a dedicatória do livro: “A Mário de Andrade, meu amigo”. É uma oportunidade de propor uma pesquisa na internet sobre quem foi Mário de Andrade e qual a importância dele para a literatura nacional. Assim, os estudantes podem começar a se aproximar do universo do modernismo e a contextualizar a obra de Drummond no panorama da literatura brasileira. Oriente-os a completar seus registros sobre *Alguma poesia* e Drummond com as informações que descobrirem nessa pesquisa.

CONHECENDO O POETA

Por fim, antes de passar à leitura e ao estudo detido de *Alguma poesia* pode ser interessante promover o contato dos estudantes com a obra de Drummond de maneira mais ampla. Conhecemos diversas gravações que o próprio poeta fez de seus poemas. É possível organizar uma audição dessas gravações para disparar discussões iniciais. Algumas das gravações estão disponíveis na internet, por exemplo em: <https://radiobatuta.com.br/programa/carlos-drummond-de-andrade> (acesso em: 15 nov. 2020).

A discussão inicial pode ser guiada por perguntas abertas: o que chamou mais a atenção ao ouvir poemas do Drummond? Eles parecem ter algo em comum? De qual mais gostaram e por quê? Essas questões mais amplas são bons encaminhamentos para motivar a conversa. Uma boa ideia é, também, navegar

pelo site oficial do autor: www.carlosdrummond.com.br (acesso em: 17 nov. 2020). Os estudantes, individualmente, podem escolher uma das seções do site e depois um dos textos para ler. O site tem uma cronologia da vida do autor, alguns retratos e uma descrição bastante completa de cada um dos livros publicados por ele. Além disso, conta com um blog em que se publicam notícias, informações e curiosidades sobre o autor e sobre seus livros. Uma breve socialização das descobertas individuais pode contribuir para o repertório do grupo e para o conhecimento que foram construindo sobre a poesia e a obra de Drummond.

Dessa forma, nesse momento de pré-leitura propõe-se uma navegação contextualizada por sites na internet para descobrir quem foi Mário de Andrade, para ouvir poemas e para conhecer melhor Carlos Drummond de Andrade. Essa navegação faz sentido para os estudantes, porque se insere em uma prática leitora verdadeira e não se restringe a mero resumo da biografia de um autor ou de sua obra. Eles pesquisam em movimento investigativo, para perceberem o que ainda não sabem sobre o livro e o autor que estão prestes a ler.

Já munidos de alguns conhecimentos sobre o gênero poético, sobre o autor Carlos Drummond de Andrade, sobre *Alguma poesia* e seu contexto de publicação, os estudantes estarão mais preparados para ingressar no texto em si, fruir, analisar e interpretar a obra em questão.

LEITURA

DIFERENTES MODALIDADES DE LEITURA

O livro é composto de 49 poemas, em geral bastante breves, e é preciso planejar estratégias para a leitura de todos os textos com os jovens. Um princípio fundamental é explorar diferentes maneiras de ler os poemas e proporcionar aos estudantes diversas estratégias de leitura.

Sugerimos variar os agrupamentos e garantir momentos de leitura individual e silenciosa, tanto em sala como em casa; momentos de leitura em duplas ou subgrupos e momentos de leitura compartilhada com a classe toda. Assim, os estudantes podem viver experiências diferentes e buscar estratégias variadas.

Na leitura individual, podem seguir o próprio ritmo, identificar suas dúvidas ou hipóteses e colocar em jogo o que já sabem. Em subgrupos, os estu-

dantes têm a oportunidade de compartilhar suas impressões e interpretações com alguns colegas e se beneficiar do diálogo com os demais. No coletivo, a classe pode constituir saberes comuns, entrar em acordos e compartilhar leituras, criando uma comunidade de leitores de literatura, que lê de maneira coletiva e compartilha impressões e interpretações (COLOMER, 2007). Além disso, nas situações coletivas, podem contar com a mediação direta do professor — modelo de leitor mais experiente — para propor questões, esclarecer dúvidas e trazer apontamentos.

Além dos agrupamentos, é possível variar as propostas para que se diversifiquem as estratégias de leitura de que os estudantes precisarão lançar mão. Por exemplo, uma proposta pode estar vinculada à procura de um poema marcante para o aluno; outra pode estar vinculada à análise detida de um único poema; outra, ainda, pode propor a comparação entre diferentes textos. De qualquer forma, é imprescindível fomentar a discussão literária a respeito da produção poética de Drummond.

A discussão literária é instrumento muito potente para que os estudantes avancem em suas interpretações e aprofundem sua leitura de uma obra, por isso pode ser explorada com frequência nas situações de leitura de *Alguns poemas*.

Falar a respeito dos textos que compartilharam permite que eles [os estudantes] articulem seus contatos com o texto — únicos e pessoais — com opiniões e interpretações de outros leitores. Em uma discussão literária os estudantes não só compartilham e defendem suas ideias, mas também descobrem e refletem a respeito dos pontos de vista e interpretações dos outros. Esse tipo de intercâmbio faz com que, muitas vezes, voltem a pensar e a aprofundar os contatos iniciais que tiveram com o texto. (MOSS, 2002, p. 62, tradução livre)

ESTRATÉGIA DE LEITURA: ELABORAR PERGUNTAS E DISCUTI-LAS

Como no contato com a poesia os significados raramente se revelam em uma primeira leitura, é muito comum que os estudantes tenham a sensação de que “não entenderam” o poema e que busquem leitores mais expe-

rientes — como o professor — para que os ajudem na compreensão. É preciso tomar cuidado para não recair em explicações totalizadoras e perder a oportunidade de que os próprios estudantes, em seu percurso como leitores, possam construir suas interpretações. Uma boa estratégia para atingir esse objetivo é que os estudantes leiam os poemas elaborando as próprias perguntas.

Uma das estratégias utilizadas pelos leitores para construir sentido é a de se fazer perguntas. [A] compreensão de um texto está relacionada com o que o leitor sabe e com o que quer saber [...]. As respostas que surgem no leitor dão forma à sua experiência de leitura. (MOSS, 2002, p. 62, tradução livre)

Sugerimos que se proponha uma primeira atividade de leitura individual e silenciosa de alguns poemas. Durante essa leitura, seria interessante orientar os estudantes a identificar e registrar algumas perguntas essenciais para compreender e interpretar o texto. Assim, provavelmente eles elaborarão e registrarão aspectos diversos, como: questões pontuais, de vocabulário ou sintaxe; questões que mobilizem informações a respeito do contexto; questões que ajudem a compreender figuras de linguagem; ou questões que apontem para a reconstituição do sentido geral do texto, por exemplo. Assim, os leitores assumem uma posição mais ativa diante da busca pela compreensão e interpretação, ao procurarem possíveis respostas para as próprias perguntas.

Em seguida, uma discussão coletiva sobre os poemas selecionados pode ser encaminhada a partir das questões propostas pelos próprios estudantes. Nesse momento, o professor pode ajudar os estudantes a avançar em suas interpretações, promovendo diálogo entre eles, trazendo elementos novos para a conversa e chamando a atenção para elementos que possam ter passado despercebidos pelo grupo. Ao final da discussão sobre os poemas, espera-se que os estudantes tenham conseguido compartilhar suas impressões e sentimentos em relação ao texto, e também que tenham avançado em sua interpretação. Além disso, aos poucos eles devem avançar nessa atitude ativa diante do texto e, assim, aprender a elaborar as próprias perguntas e sair em busca de respostas.

Nessa atividade — bem como nas outras situações de leitura de poesia —, é importante ter em conta que o poema é um tipo de texto com muitas possibilidades de interpretação. Ainda que nem todas as interpretações sejam viáveis, nunca temos uma única leitura possível e “correta”. Assim, é preciso

trabalhar com os estudantes a ideia de que o leitor constrói sentido para o que lê, com base em indícios do próprio texto. Promover o diálogo, o debate e valorizar diferentes interpretações é um bom caminho para isso. Durante a discussão, é essencial também pedir para os estudantes fundamentarem suas opiniões sempre se remetendo aos poemas, para que suas leituras sejam cada vez mais ajustadas aos indícios presentes nos textos.

DISCUTINDO UM POEMA MAIS PROFUNDAMENTE

Em uma segunda etapa de trabalho com a obra, convém promover o estudo aprofundado de um único poema para que os estudantes possam, com a mediação do professor, acessar camadas mais profundas da construção poética. Uma forma de iniciar é encaminhando a leitura guiada e a análise bem detida de um dos textos. Sugerimos o primeiro de todos: “Poema de sete faces”, por ser desafiador e possibilitar a exploração do gênero e das principais características do autor. Antes de o professor trabalhar o poema, os estudantes elaborarão as próprias perguntas sobre ele, como fizeram na etapa anterior. Em seguida, por meio de uma discussão coletiva, o professor pode também instigar o grupo com novas perguntas e algumas explicações, guiando o olhar dos estudantes na leitura do poema. Nessa modalidade de leitura, o professor atua como modelo de leitor experiente e explicita seus procedimentos, além do conteúdo em jogo. Essa análise pode passar pelos seguintes pontos principais:

- A correspondência entre as “sete faces” e as sete estrofes do poema.
- O aspecto fragmentário do retrato que o sujeito faz de si e sua relação com a aparente desconexão entre as estrofes.
- As expressões *gauche* e *anjo torto*, que indicam certo desajuste do sujeito.
- A predominante ausência de rimas, quebrada apenas na sexta estrofe, e a ironia do eu lírico, nessa estrofe, quando comenta a própria construção.
- A linguagem coloquial e familiar (presente, por exemplo, no último verso).
- Os temas aparentemente banais e as cenas corriqueiras, como as casas e o bondes.

- As relações intertextuais desse poema com outros, do mesmo autor, ou de outros autores. Por exemplo, o trecho “Mundo mundo vasto mundo/ mais vasto é meu coração” dialoga com Tomás Antônio Gonzaga (como apontado por Francisco Achcar no volume *Folha explica: Carlos Drummond de Andrade*): “Eu tenho um coração maior que o mundo;/ Tu, formosa Marília, bem o sabes;/ Um coração, e basta,/ Onde tu mesma cabes”. O mesmo conjunto de versos é retomado pelo próprio Drummond anos depois, em “Mundo grande”, de *Sentimento do mundo*, quando o autor parece revisitar sua produção anterior e corrigir certa ingenuidade do verso: “Não, meu coração não é maior que o mundo./ É muito menor”.

Dois textos críticos que se detêm em “Poema de sete faces” oferecem ao professor oportunidade de aprofundar a análise do poema: o capítulo “Primeira poesia”, de *Passos de Drummond*, de Alcides Villaça; e o texto “Alguma poesia”, de *Folha explica: Carlos Drummond de Andrade*, de Francisco Achcar, indicados na Bibliografia comentada” (p. 43).

A análise guiada pelo professor é uma boa oportunidade de aprofundar as estratégias de leitura de poesia e, também, de consolidar e registrar alguns conhecimentos sobre o gênero e as características dessa obra particular, provavelmente já levantados antes nas discussões literárias. O estudo aprofundado sobre esse único poema, feito no coletivo, fornece ferramentas para que os estudantes leiam e investiguem outros poemas do livro com maior autonomia.

Um exemplo bastante conhecido de diálogo com o “Poema de sete faces” é “Com licença poética”, de Adélia Prado, que faz uma releitura do ponto de vista de um eu lírico feminino: www.youtube.com/watch?v=4Y0yEdWPg-k.

Na música, Chico Buarque, com “Até o fim”, e Torquato Neto e Jards Macalé, com “Let’s Play That”, também fizeram suas homenagens ao poema: www.youtube.com/watch?v=hsGOWMPSNy0 e www.youtube.com/watch?v=JE4ybsily2k.

[Acessos em: 16 nov. 2020]

O estudo detido do “Poema de sete faces” pode não se limitar à análise do texto, mas também transbordar para possíveis repercussões e releituras. Por ser tão emblemático, autores posteriores a Drummond estabeleceram relações interessantes com ele, e o poema foi revisitado diversas vezes.

Organize a sala em grupos e divida os textos entre eles, designando cada um dos três textos (poema ou canção) para um grupo diferente. Peça para que os estudantes observem as relações intertextuais estabelecidas entre a releitura e a obra original e os efeitos de sentido que essa releitura gerou: trata-se de uma citação, uma paródia, uma resposta direta, uma atualização? Afinal, quais ligações são estabelecidas entre esses textos? Cada grupo pode sintetizar sua discussão e registrar em um mural que fique disponível para consulta e apreciação de todos. Dessa forma, os estudantes vão aprendendo a reconhecer relações intertextuais e a refletir sobre os possíveis desdobramentos de uma obra clássica.

UM AUTORRETRATO: PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Um modo de finalizar o estudo do “Poema de sete faces” é propor uma produção textual: que tal se os estudantes fizessem seu autorretrato em forma de autobiografia poética? Partindo do texto de Drummond, os estudantes podem se apropriar da ideia de composição de um autorretrato em versos e estrofes e elaborar o próprio poema. Sabemos que a leitura é componente fundamental para uma boa produção de texto, ou seja, para escrever bem, é preciso experiência de leitura. No entanto, também sabemos que a escrita impacta a leitura: ao vivenciar o desafio de compor versos e estrofes, de explorar a linguagem concisa e imagética, de se colocar no lugar de “poeta”, o estudante tem a oportunidade de ver a poesia de um outro lugar.

Emilia Ferreiro problematiza uma dicotomia entre leitura e escrita arraigada em nossa cultura, defendendo que falemos em *cultura escrita*:

Se pensarmos em todos os tipos de atividades que podemos desenvolver com os textos, em torno dos textos, considerando os textos e a respeito deles, veremos que passamos do falar ao ler, do ler ao escrever, do escrever ao falar e voltar a ler, de maneira natural, dando voltas pela língua escrita, sem a necessidade de enfatizar quando “é preciso ler”. (2010, p. 146)

Dessa forma, ao voltarem à leitura, o olhar dos estudantes estará mais aguçado para o ofício do poeta e suas ferramentas. Quando estiverem de novo na posição de leitor após viver o desafio, como escritores, de compor uma metáfora, por exemplo, os jovens terão mais condições de perceber e analisar as metáforas compostas pelos poetas. Convém, portanto, propor a escrita de um poema antes do final da leitura de *Alguma poesia*, de modo que leitura e escrita se articulem — tanto por meio da produção de breves textos analíticos como de textos criativos. A produção de autorretratos poéticos se configura também como boa oportunidade para os jovens olharem para si mesmos, para sua relação com os outros e com o mundo que os circunda. Pensar e escrever sobre si é instrumento potente para a construção da identidade e da subjetividade dos jovens, além de aproximar a poesia da vida real, concreta e atual. Ao final da leitura da obra, os poemas de autoria dos estudantes podem ser retomados e expostos.

Depois de algumas discussões literárias sobre certos poemas e do estudo aprofundado de um único texto, espera-se que os estudantes estejam preparados para encaminhar as próprias investigações e para voltar, em outras condições, para a leitura individual e silenciosa da obra.

CONTINUANDO A LEITURA EM CASA

O livro conta com ampla variedade de temas e estilos e contém muitos poemas. Portanto, não é preciso tentar abarcar tudo com a mesma profundidade e detalhamento.

Tal como se dá exemplarmente no “Poema de sete faces”, em *Alguma poesia* o leitor está obrigado a dançar segundo o tom, o ritmo e o andamento descontraídos dos vários momentos: aqui, o epigrama ferino; ali, a fala confessional; acolá, uma anedota bem “modernista”; mais adiante, um manifesto de alta voltagem ideológica — sem falar da memória sentimental e da narrativa satírica. (VILLAÇA, 2006, p. 38)

Sugerimos, então, proporcionar o estudo aprofundado de alguns poemas mais importantes — como explicitado nos momentos anteriores — e, por outro lado, garantir uma leitura extensiva, mais livre e pessoal da obra

como um todo. Além das leituras e discussões literárias feitas em classe — o que sugerimos que aconteça em todas as etapas de leitura —, os estudantes podem levar para casa dois poemas para ler por dia, por exemplo, e registrar suas impressões em um diário de leitura. Nesse diário, cada um registrará o que quiser: o que mais chamou a atenção em um poema, uma lembrança que o texto trouxe, um estranhamento ou surpresa... Trata-se de um instrumento pessoal do estudante, para registro de suas leituras, que pode ser tematizado em algumas aulas, se for conveniente. Seria interessante essa etapa perpassar todo o trabalho com a leitura e ser articulada às discussões literárias e às análises mais detidas de alguns poemas.

Com essa articulação entre diferentes agrupamentos, propostas e momentos, os estudantes podem aos poucos construir sentido para o poemas e se aproximar com sensibilidade e profundidade de *Alguma poesia*.

PÓS-LEITURA

Depois de finalizada a leitura, o olhar dos estudantes pode ser direcionado à obra como um todo. A experiência de explorar os poemas pode deixar a sensação de um conjunto de textos isolados. O crítico literário Davi Arrigucci Jr. aponta que há uma espécie de “calidoscópio temático” em *Alguma poesia*, já que aparentemente o poeta se deixaria “afetar pelos fatos”: “desejo amoroso, memória familiar, reflexão cívica, ruminação da ideologia do progresso, crônica do cotidiano, história do Brasil, reportagem política, breviário estético, expiação moral etc.” (VILLAÇA, 2006, p. 38). Para o desfecho do trabalho, algumas atividades estimulam os estudantes a amarrarem seus conhecimentos.

LENDO O POSFÁCIO

Uma dessas atividades pode ser a leitura compartilhada do posfácio do volume, “Alguma cambalhota”, de Eucanaã Ferraz. Nas páginas 90 a 96, o poeta mostra e comenta as cartas trocadas entre Drummond e Mário de Andrade a respeito do poema “Nota social”. A polêmica sobre a preposição “em” no lugar de “a” no verso “O poeta chega na estação” é um excelente gancho para sistematizar algumas das ideias modernistas, como linguagem coloquial,

inovações rítmicas, uso do humor e aproximação do cotidiano. No restante do texto, o autor comenta mais alguns poemas, como “Sobrevivente”, “Anedota búlgara” e “Cabaré mineiro”, por exemplo, estabelecendo relações entre eles e com seu contexto de publicação. É possível realizar a leitura integral do posfácio nesse momento, se o professor julgar conveniente. Outra possibilidade é realizar a leitura compartilhada apenas do início do posfácio, para discutir a troca de cartas entre Mário de Andrade e Drummond. Nesse caso, o professor pode indicar o restante do posfácio como material de consulta para pesquisa dos estudantes, quando forem analisar poemas mais detidamente, conforme indicado na próxima etapa. Assim, os próprios estudantes, tendo explorado o posfácio em linhas gerais e conhecendo seu conteúdo, recorrerão a ele com autonomia como apoio para análises futuras, se assim desejarem.

A ANÁLISE DO CONJUNTO: ENXERGANDO RELAÇÕES ENTRE OS POEMAS

Outra possibilidade para abordar essa espécie de caleidoscópio sugerido por Davi Arrigucci Jr. é propor uma atividade em subgrupos a partir de temas recorrentes, presentes tanto nesta obra como na produção posterior do autor. Cada grupo de estudantes ficará responsável por estudar e se aprofundar em determinado conjunto de poemas e, posteriormente, socializar suas descobertas com os demais colegas. Assim, a classe terá a experiência de aprofundamento e também do panorama geral da obra. De maneira mais simplificada e levando em conta temas identificados pelo próprio Drummond em sua *Antologia poética*, indicamos os seguintes agrupamentos:

- Amor
- A cidade natal, a província e a família
- A praça pública: a relação entre o sujeito e o mundo
- A própria poesia

Com a turma organizada em quatro subgrupos temáticos, sugerimos que o professor responsabilize cada integrante dos grupos por um poema diferente relacionado ao tema. Os próprios estudantes podem ficar respon-

sáveis por identificar poemas relacionados a cada tema, ou o professor pode lhes fornecer uma compilação. Seria interessante que os jovens escolhessem seus temas e os poemas com os quais gostariam de trabalhar. Cada integrante do grupo fica responsável por estudar profundamente um dos poemas de seu tema: elaborar perguntas, fazer pesquisas, atentar para a estrutura formal do texto e registrar, individualmente, suas conclusões e descobertas. Esse registro pode ser feito em forma de anotações pessoais mais informais, ou ainda em forma de um texto analítico mais estruturado. Em seguida, cada estudante poderá compartilhar suas conclusões com os demais integrantes do subgrupo. Assim, eles formarão um panorama sobre o tema — que depois será apresentado ao restante da classe. Ou seja, depois de cada um se dedicar individualmente a um poema, o subgrupo pode fazer comparações, generalizações e explicações sobre a forma como o tema é tratado na obra. Teremos, assim, quatro subgrupos, cada um “especialista” em um dos temas mencionados anteriormente. Ao, final, então, cada grupo pode socializar seu estudo com os demais, para que todos conheçam a complexidade temática da obra. Sugerimos que cada subgrupo apresente esse panorama temático oralmente, o que pode ser feito por meio de seminários, painéis, breves episódios de podcast ou vídeos explicativos. Se optarem por usar um meio digital, é importante garantir tempo para ensinar aos estudantes alguns recursos e promover o contato com algumas soluções tecnológicas.

O trabalho, que se desenvolve em um movimento crescente (do estudo de um poema, passando pela generalização de um tema ao panorama temático da obra), permite aos estudantes aprender de forma colaborativa e acessar diferentes camadas de leitura da obra.

Como finalização dos estudos, a classe pode organizar uma exposição tanto com essas produções relativas aos temas recorrentes na obra de Drummond como com os autorretratos compostos a partir do “Poema de sete faces”. Dessa forma — com a leitura do posfácio, a sistematização de características do modernismo e o estudo de temas recorrentes nos poemas do livro —, é possível ampliar a experiência de leitura, abarcando *Alguma poesia* em sua complexidade.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

A riqueza e a complexidade de *Alguma poesia* permitem diversas abordagens da obra. Estabelecer relações com outras áreas do conhecimento potencializa tanto a leitura do texto literário como a compreensão a respeito de temas que lhe são subjacentes. Além disso, a obra de Drummond pode ser porta de entrada para o desenvolvimento de competências ligadas a diferentes áreas do conhecimento, como as seguintes, indicadas na BNCC:

Língua Portuguesa

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, *podcasts* noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, *vlogs* de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (*vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay* etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

COMPETÊNCIA 1: Analisar fenômenos naturais e processos tecnológicos, com base nas interações e relações entre matéria e energia, para propor ações individuais e coletivas que aperfeiçoem processos produtivos, minimizem impactos socioambientais e melhorem as condições de vida em âmbito local, regional e global.

HABILIDADE

(EM13CNT309) Analisar questões socioambientais, políticas e econômicas relativas à dependência do mundo atual em relação aos recursos não renováveis e discutir a necessidade de introdução de alternativas e novas tecnologias energéticas e de materiais, comparando diferentes tipos de motores e processos de produção de novos materiais.

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

COMPETÊNCIA 3: Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

COMPETÊNCIA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Há uma relação potente entre a obra de Drummond e a mineração no Brasil. Itabira não é somente a cidade natal do poeta, mas comparece com muita frequência em sua produção, tanto de maneira implícita — por meio dos retratos da infância na província, por exemplo — quanto de maneira explícita — como é o caso do poema “Itabira”, em *Alguma poesia*, e de muitos outros em seus próximos livros. Como sabemos, Itabira está localizada em região com intensa atividade mineradora, o que já acontecia na época de Drummond, e o poeta com frequência explora e tematiza esse contexto em seus poemas.

Itabira

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.

Na cidade toda de ferro

as ferraduras batem como sinos.

Os meninos seguem para a escola.

Os homens olham para o chão.

Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável. [p.33]

O pico do Cauê, a cidade toda de ferro, os ingleses que compram a mina são pistas das reflexões de Drummond a respeito de sua terra natal, das atividades econômicas desenvolvidas nela e das transformações pelas quais ela passa. As relações entre a produção de Drummond e a mineração são profundas e significativas, ainda que nem sempre explícitas:

É que a relação profunda e muito próxima com a história da mineração, em seus textos, permanece naquele lugar sub-reptício das coisas invisíveis de tão óbvias. [...] Como o sertão de Guimarães Rosa, a Itabira de Drummond também é o mundo — só que, nesse caso, um mundo em que o mundo vai engolindo o mundo, movido pela geoeconomia e pela tecnociência. (WISNIK, 2018, p. 9-10)

Em Itabira, além de ter nascido Drummond, nasceu também a Companhia Vale do Rio Doce, em 1942. Atualmente, o pico do Cauê, que abre o poema “Itabira”, nem existe mais, por conta da exploração do minério de ferro. Ele foi roído e se transformou em uma espécie de vale. Da casa de sua infância, a vista de Drummond era justamente para o pico do Cauê.

Os enormes impactos ambientais causados pela atividade mineradora são amplamente conhecidos e ficaram ainda mais explícitos depois dos recentes desastres — não só ambientais, como também sociais — causados por rompimentos de barragens de rejeitos da mineração em Mariana (em 2015) e Brumadinho (em 2019). Em Itabira, há também imensas barragens, algumas bem maiores do que aquela que rompeu em Brumadinho.

No entanto, é também conhecida a relevância econômica da mineração para o país. No documentário *Itabira: berço da Vale*, de Cristina Aragão (2019), Ronaldo Magalhães, prefeito da cidade, afirma que cerca de 45% da arrecadação de impostos do município vem diretamente da atuação da antiga Vale do Rio Doce, atual Vale. Se contarmos também a arrecadação indireta, por conta de comércio e serviços, o número sobe para 65% ou 70%. No âmbito nacional, a importância da atividade mineradora também é grande: o setor é responsável por 4% do PIB nacional, de acordo com o Ministério de Minas e Energia; 20% das exportações brasileiras em 2019 estavam relacionadas diretamente a esse setor, que também apresenta grande empregabilidade (180 mil empregos diretos além de 2 milhões de indiretos, segundo dados de 2019 do Ministério de Minas e Energia).

Vemos, assim, que a questão da mineração no Brasil é complexa, multifacetada e atual, além de dialogar intensamente com a obra de Drummond. Trata-se, por isso, de excelente tema para trabalhar competências essenciais do Novo Ensino Médio.

Para que os estudantes aprofundem e ampliem suas reflexões a respeito dos contextos de produção e aplicação do conhecimento científico e tecnológico, as competências específicas e habilidades propostas para o Ensino Médio exploram situações-problema envolvendo melhoria da qualidade de vida, segurança, sustentabilidade, diversidade étnica e cultural, entre outras. [BRASIL, 2018, p. 550]

O percurso proposto aqui prevê relações entre as áreas de Linguagens, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Assim, a integração entre as áreas e o planejamento conjunto entre os professores é importante para o desenvolvimento do trabalho e para eventuais adaptações, escolhas e ajustes.

PRÉ-LEITURA

CONHECENDO ITABIRA: PESQUISA E CONVERSA

Para o início da sequência de atividades, é importante que os professores de Língua Portuguesa, Ciências e História ou Geografia se reúnam e, de acordo com o contexto da escola e da turma, decidam como desenvolver as propostas de pré-leitura. Elas podem ser encaminhadas por um dos professores ou por dois deles em conjunto. Ao professor responsável por encaminhar cada atividade cabe ajudar os jovens a estabelecer relações entre as atividades anteriores e posteriores, ainda que elas não aconteçam em sua aula. Antes da leitura de *Alguma poesia*, os estudantes podem ser convidados a fazer uma pesquisa sobre Itabira, para que relacionem a cidade natal de Drummond com as questões vinculadas à mineração. Antes disso, no entanto, vale a pena uma conversa inicial sobre essa atividade para conhecer o que a turma já sabe e compartilhar os saberes entre o grupo. Perguntas que podem nortear essa conversa inicial são: o que vocês sabem sobre mineração? Como acham que essa atividade é feita? Depois de explicitar aos estudantes que os estudos de mineração estarão vinculados com a leitura de Drummond, o professor pode orientar a pesquisa sobre Itabira, apresentando os objetivos dela e deixando claro que tipo de informação os estudantes precisam descobrir. Para isso, é possível elaborar algumas questões, como:

- Quais as características gerais da cidade: onde está localizada, qual a sua população, qual a sua principal atividade econômica?

- Quais as relações entre a história de Itabira e a história da mineração no Brasil?
- Como era Itabira na primeira metade do século xx, quando Drummond nasceu e começou a escrever?

As fontes de pesquisa podem ser variadas, como o portal oficial da prefeitura da cidade (<https://www.itabira.mg.gov.br/>), acesso em: 20 nov. 2020) ou outros sites que o professor e os estudantes julgarem confiáveis. Além disso, os estudantes podem ser incentivados a utilizar mapas on-line para localizar a cidade e explorar seu entorno. Seria interessante propor que a pesquisa seja feita em grupos, de modo que os estudantes consigam compartilhar estratégias para a busca e o registro de informações coletadas. As questões podem ser divididas entre diferentes grupos de estudantes para que cada grupo se detenha em um foco específico. Ao final, sugerimos que o professor proponha um mural com cartazes que apresentem as informações e imagens coletadas. Além de acompanhar a leitura de *Alguma poesia*, contribuindo para a representação histórica e visual do local de que falam alguns dos poemas, esse mural inaugurará a relação entre Drummond e a mineração, a ser explorada nesta proposta.

LEITURA

LEITURA GUIADA DO POEMA “ITABIRA”

Durante a leitura da obra, há um poema do conjunto “Lanterna mágica” que se destaca no que diz respeito à temática da mineração: “Itabira”. Se possível, em conjunto, o professor de Língua Portuguesa e um professor da área de Ciências Humanas podem propor a leitura compartilhada e uma discussão a respeito desse poema. Para isso, convém anunciar a questão central da aula, que guiará a leitura do poema: que visão de Itabira está por trás desse poema? Depois, seria interessante propor uma primeira leitura, individual e silenciosa, e estimular que os estudantes compartilhem suas observações e dúvidas. Algumas questões que provavelmente surgirão: o que é o pico do Cauê? Por que cada um tem um pedaço do pico do Cauê? Os ingleses compraram mesmo a mina? Qual? Quem é Tutu Caramujo e que derrota seria essa?

Talvez algumas respostas possam ser buscadas e evocadas pelos próprios estudantes a partir das pesquisas sobre Itabira realizadas na etapa anterior. Também é importante retomar a pergunta central e promover uma primeira discussão a respeito dela. Além de promover o debate, o professor pode trazer novas informações que ajudem os estudantes a construir suas interpretações.

No caso desse poema, essas novas informações são predominantemente históricas. Assim, por meio de uma aula expositiva, dialogada com os estudantes, a contribuição do professor de história é importante para guiar a leitura e a compreensão do poema. Durante a aula, o professor pode complementar a história da mineração em Itabira, caso seja preciso complementar a pesquisa inicial feita pelos jovens. Uma dessas informações centrais é que a partir de 1911 um grupo inglês constituído no Brasil como Itabira Iron Ore Company recebeu autorização para explorar diversas minas da região, o que inaugura a escala industrial de mineração em Itabira —uma das que ficaram nas mãos dos ingleses é a jazida do Cauê.

Para conhecer melhor a história da companhia inglesa e de sua atuação em Itabira, consultar o verbete Itabira Iron Ore Company, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (FGV): **www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/itabira-iron-ore-company** (acesso em: 11 nov. 2020).

Durante a discussão coletiva e a exposição das informações pesquisadas, o professor pode ajudar os estudantes a interpretar e compreender o poema, relacionando-o à história da mineração no Brasil. Ao lançar perguntas, o professor estimula que os estudantes dialoguem entre si e também pode apresentar sua própria leitura.

Nesse momento, é importante destacar alguns aspectos do poema: logo no primeiro verso, fica marcada a importância do pico do Cauê — ponto de referência em Itabira, sobre o qual todos têm direito a um pedaço, como uso, memória, identificação. As ferraduras que batem no chão, onde pisam

os meninos e para onde olham os homens, é do mesmo material de que é feito o pico. A cena aparentemente banal e provinciana, como as descritas em tantos outros poemas deste livro, termina com um personagem misterioso e uma “derrota incomparável” também misteriosa. Antes disso, parece que os ingleses comprem a mina sem ninguém perceber, sem que isso mude o lento andar da cidade pequena. Essa compra quase passa despercebida e entra na lista de algo tão cotidiano quanto meninos irem à escola ou homens olharem para o chão. No entanto, a tristeza desse personagem solitário e — como seu apelido Tutu Caramujo sugere — introvertido parece ao mesmo tempo fazer parte da cena corriqueira e quebrá-la em uma possível desconfiança de que algo não vai bem. Essa leitura, além de outras que podem surgir na discussão com os jovens, é importante para que eles comecem a enxergar os aspectos subjetivos relacionados à mineração presentes na poesia de Drummond.

Para se aprofundar na leitura do poema “Itabira”, sugerimos o texto “Lanterna mágica”, da obra *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*, de José Miguel Wisnik, indicado na “Bibliografia comentada” (p. 43).

LEITURA DO CONJUNTO “LANTERNA MÁGICA” E VISUALIZAÇÃO DA REGIÃO ATRAVÉS DE MAPAS ON-LINE

Esse trabalho com “Itabira” é uma oportunidade de ler e discutir os outros poemas do conjunto “Lanterna mágica” — cada um deles traz um breve retrato de uma cidade diferente.

“Sabará”, assim como “Itabira”, apresenta poeticamente questões interessantes a respeito da região, de representações da vida urbana e da modernização que chega a essas pequenas cidades no início do século xx. Por exemplo, a siderúrgica implementada em Sabará em 1917 aparece explicitando o conflito entre a modernização e a vida pacata na província: “Nem Siderúrgica nem Central nem roda manhosa de forde/ sacode a modorra de Sabará-buçú”.

Explorar a região usando mapas on-line pode ser muito interessante como atividade complementar à leitura: é possível acompanhar o rio das Velhas entrando em Sabará, ver imagens das igrejas citadas no poema e da pró-

pria siderúrgica. Conta, também, a história do município por onde passou o bandeirante paulista Borba Gato, citado no poema, que por lá esteve e ficou no final do século XVII.

A contextualização histórica certamente contribui para a leitura do poema, assim como a discussão literária contribui para que os estudantes consigam, aos poucos, constituir uma representação — inclusive subjetiva e simbólica — dos processos de mineração e de seus impactos sociais e ambientais.

PÓS-LEITURA

COMPARAÇÃO ENTRE DUAS IMAGENS DO PICO DO CAUÊ EM ITABIRA

Depois de finalizada a leitura de *Alguma poesia*, sugerimos que os professores proponham um trabalho interdisciplinar a respeito da mineração no Brasil, seus impactos e seus impasses. Introduzir essa questão a partir da comparação de duas imagens do pico do Cauê é uma forma de situar o problema aproximando-o da obra de Drummond, por exemplo. As imagens a seguir são sugestões possíveis (acessos em: 11 nov. 2020):

- <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=449913> (1942)
- <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=450060> (1982)

Sugerimos mostrar as duas imagens aos estudantes, chamando a atenção para as datas de cada uma. Pode-se explicitar a diferença de apenas quarenta anos entre elas e esclarecer que atualmente o local é um grande buraco. Em seguida, um bom encaminhamento é voltar ao verso inicial do poema “Itabira” (“Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê”) e retomar as ideias sugeridas. Na imagem de 1942, percebemos o morro ao longe, como um elemento que constitui uma referência para a cidade. A partir da comparação entre as duas imagens, é possível conduzir uma discussão a respeito do impacto do desaparecimento de um símbolo para a subjetividade das pessoas de Itabira. Como será que eles se sentem ao ver o pico ser consumido aos poucos? Em que medida os moradores da cidade participam ou dependem

dessa atividade? Essa questão particular do sumiço paulatino de um local específico pode se desenvolver para uma conversa sobre aspectos mais amplos da mineração.

COMO É A ATIVIDADE MINERADORA?

Como próxima etapa, propomos que os estudantes compreendam melhor como se dá a atividade mineradora em si: quais são seus processos, qual a magnitude de alguns deles. Uma possibilidade é usar um infográfico digital da Vale sobre a mineração em Carajás (PA), que nos mostra em detalhes um exemplo de processo levado a cabo na maior mina de minério de ferro do mundo.

Vídeo sobre a mineração em Carajás:

<https://www.youtube.com/watch?v=pjj1U2fa4Jo>

[acesso em: 26 fev. 2021].

A partir da exploração desse infográfico, os estudantes entrarão em contato com todas as etapas, desde a extração do minério, passando por transporte, estocagem, carregamento... Além disso, fica explícita a dimensão do processo, a partir de dados como: a extração, nessa mina, acontece durante 24 horas por dia, a usina tem 85 quilômetros de correias transportadoras e passa por 893 quilômetros para sair do Pará e chegar ao Maranhão, no maior trem do mundo em extensão, com 3,5 quilômetros de comprimento.

PARA VOLTAR AOS POEMAS

Para finalizar e reconectar a experiência de estudos sobre mineração com a poesia de Carlos Drummond de Andrade, uma sugestão é os estudantes voltarem às discussões literárias. Munidos de tanto conhecimento sobre Itabira, sua história e os impactos da mineração, agora eles podem entrar em contato com outros poemas de Drummond, que não fazem parte de *Alguns poemas*, para saber como o poeta ao longo dos anos voltou a Itabira por meio de versos, e de que modo a mineração compareceu em sua poesia. Uma boa ideia é propor uma roda de leitura de alguns desses poemas. O mais cé-

lebre deles talvez seja “Confidência do itabirano”, de *Sentimento do mundo*. Há também “Pedra natal”, primeiro poema de *Boitempo: esquecer para lembrar* (1979), que brinca com o significado de Ita-bira (“pedra que brilha”). “A montanha pulverizada”, que trata justamente do sumiço do pico do Cauê, e “Forja” também são interessantes e estão no mesmo livro.

EXPOSIÇÃO FINAL

Ao final do percurso, os estudantes terão bastante conhecimento acumulado no que diz respeito à leitura de poesia e também ao contexto em que o autor viveu e escreveu. Dessa forma, é possível propor que, coletivamente, eles façam a curadoria e organizem uma exposição interdisciplinar daquilo que aprenderam e produziram.

Além dos poemas autobiográficos escritos individualmente a partir do “Poema de sete faces”, na seção Propostas de atividades 1, podem unir-se os painéis, seminários ou podcasts que criaram em grupo sobre os grandes temas presentes em *Alguma poesia*, bem como o estudo feito sobre mineração. A exposição pode ser analógica e presencial, ou elaborada em formato digital em algum site que una diferentes linguagens — textos escritos, imagens e gravações. Se o grupo achar interessante, é possível preparar outras atividades para compor a exposição, como breves declamações dos poemas de *Alguma poesia* preferidos pelo grupo.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Considerando a história da literatura brasileira, *Alguma poesia* foi criada no contexto da segunda geração do modernismo, movimento literário e cultural que, ao contrapor-se à literatura convencional dos anos anteriores, deu início a importantes transformações formais e estéticas, empenhando-se pela ruptura com o tradicionalismo e pela liberdade de criação e de experimentação.

Drummond insere-se em um momento de consolidação das conquistas da geração anterior e dá sinais, como apontado pelo posfácio do livro *Alguma poesia*, de que a militância de colegas como Mário de Andrade já estava um tanto superada. Para ele, era preciso combater com fervor a pureza da língua, a norma imposta e a rigidez formal. Drummond já nasceu como poeta dentro do modernismo e parece — ainda que não possamos afirmar isso com certeza — que rompe com essa rigidez quase sem querer. A valorização do cotidiano, a presença do humor e certa abrangência temática são pontos importantes de *Alguma poesia* e dialogam diretamente com o contexto de publicação da obra.

No que diz respeito aos aspectos formais, em *Alguma poesia* predominam os versos livres (com métrica irregular) e brancos (sem rimas). Não encontramos as formas fixas típicas dos momentos históricos anteriores, como os sonetos, por exemplo. A poesia se simplifica e se aproxima do cotidiano do poeta, tanto nos temas como na forma e na linguagem. Inclusive, há um poema, “Outubro 1930”, que tem trechos bastante próximos da prosa, em que se alternam estrofes e parágrafos. Há, também, transgressões em relação à sintaxe e à pontuação. A enumeração sem vírgulas, como em “pernas brancas pretas amarelas” (“Poema de sete faces”) ou “briga perdoa perdoa briga” (“Toada do amor”) são comuns: apontam para a simultaneidade e criam um ritmo fluido. As marcas da oralidade aparecem também com frequência, como em “Mariquita, dá cá o pito” do poema “Toada do amor”.

Não significa, porém, que nessa poesia não haja construção e consciência artística. Pelo contrário, a sofisticação do “Poema de sete faces”, por

exemplo, as ironias bem colocadas e as escolhas rítmicas indicam um trabalho rigoroso de reflexão acerca da linguagem. Aqui, é muito importante diferenciar o eu lírico e o poeta. Denominamos de eu lírico a voz que enuncia em um poema, texto pertencente ao gênero lírico. O eu lírico expressa a subjetividade e a interioridade de um sujeito que enuncia poeticamente sobre si mesmo ou sobre outros. No modernismo, isso ganha um contorno interessante, na medida em que é possível, às vezes, confundir o eu lírico com o poeta. No “Poema de sete faces”, por exemplo, quando o eu lírico enuncia: “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”, vemos um indício de autobiografia. Ainda assim, quem diz no poema não é o poeta em si, e sim essa voz outra, construída pelo poeta, uma voz fictícia e que não tem necessariamente as mesmas características do autor, homem real.

Em *Alguma poesia*, além do “Poema de sete faces”, há outros em que o eu lírico também parece ser uma voz mais próxima da voz do autor, como em “Infância” ou “Também já fui brasileiro”. E há poemas em que o eu lírico trata de sentimentos e emoções universais, como é o caso de “Toada do amor” ou “Quero me casar”. Em outros, como “Outubro 1930”, o eu fica implícito, escondido, e o poema inteiro é enunciado na terceira pessoa. Em todos esses casos, temos a construção de uma voz trabalhada, criada, construída pelo poeta, e não sua voz própria e transparente.

Essa voz criada pelo poeta em *Alguma poesia* é frequentemente muito irônica e bem-humorada. A forma como o amor é retratado — como algo simples, terreno e, muitas vezes, carnal — demonstra um rebaixamento e uma desromantização do sentimento, uma desidealização do ser amado e, por vezes, a erotização. Em “Quadrilha”, por exemplo, só Lili, que não amava ninguém, se casou; a falta de nome e a presença do sobrenome do marido indicam que por interesse. Em “Balada do amor através das idades”, o final cômico e surpreendente resume as peripécias de eras de amor não realizado em um final feliz de filme romântico.

No que diz respeito à relação do sujeito com sua cidade natal, a província e a família, vemos o eu lírico modernamente próximo do autor, já que identificamos traços autobiográficos nos poemas. “Cidadezinha qualquer” é bastante exemplar: nele, o eu lírico canta a vida bucólica de uma cidade do

interior — o poema é um retrato todo lento, em que nada acontece —, mas não há idealização: o humor irônico ao final (“Eta vida besta, meu Deus”) aponta, inesperadamente, a crítica e a autocrítica construídas por essa voz poética. Sobre a família, em “Infância”, o discurso é lírico e inocente — o sujeito rememora a infância e se lamenta por ter demorado a reconhecer o quanto ela foi especial; em “Sesta”, contudo, há um tom irônico, ácido e crítico em torno da cena familiar, um tanto ridícula; “Família”, por sua vez, revela críticas às estruturas familiares e à felicidade burguesa, com a repetição de “e a mulher que trata de tudo” e a surpresa ao final: “e a felicidade”.

Em diversos poemas de teor mais político e social, o eu lírico expressa emoções, sensações em relação a si e ao mundo: de maneira lírica e pessoal, vemos a autorreflexão do indivíduo, que tenta se enxergar e tomar consciência de si na relação com o outro. Em “Também já fui brasileiro” e “Coração numeroso” destaca-se muito a relação sujeito-mundo e a autorreflexão do eu lírico, que se questiona, questiona o leitor, busca se compreender.

Em movimento metalinguístico, o eu lírico reflete não só sobre si mesmo, mas sobre a escrita, a composição e a poesia em si. “Poema que aconteceu”, “Poesia”, “Explicação” e “O sobrevivente” demonstram algumas concepções de poesia, expressas não necessariamente pelo autor Drummond, mas pelo eu lírico que ele construiu. No primeiro par, parece que de alguma forma o poema pode acontecer independentemente do esforço ou da vontade do poeta: em “Poesia” a “poesia deste momento/ inunda minha vida inteira”, apesar do poema em si não sair; em “Poema que aconteceu”, ao contrário, simplesmente acontece apesar de nada levar a ele. Em “Explicação”, bem mais complexo, o eu lírico traz muitos questionamentos em relação a si, ao mundo e ao outro (o leitor). Os versos finais, no entanto, demonstram reflexão também em relação ao fazer poético, assim como ocorre em “O sobrevivente”.

Por trás da aparência fragmentada, tanto dos temas como dos tons, é possível vislumbrar uma unidade que gira em torno da instabilidade, da tensão.

Quando a ironia é tão verdadeira quanto a confissão seguinte, e quando esta logo se converte em humor para não afirmar em definitivo a gravidade

do drama, o discurso poético adquire um padrão de instabilidade que gera ritmos, inflexões e imagens desnorteantes — revelações de beleza para nós outros, igualmente desconcertados. (VILLAÇA, 2006, p. 15)

Haveria uma discordância de fundo entre sujeito e mundo, e a tensão entre esses polos aparece expressa no *gauchismo*, na ironia e no sentimentalismo, na província e na modernização, por exemplo. E toda essa tensão é materializada pelo eu lírico, subjetivamente enxergando o mundo e a si mesmo de forma instável e complexa.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Site: Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: **www.carlosdrummond.com.br**. Acesso em: 12 nov. 2020.

Nesse site oficial do escritor, há retratos, uma cronologia, uma descrição de cada um de seus livros e um blog no qual são postadas notícias, além de trechos de seus diários, observações sobre a relação de Drummond com o cinema e curiosidades biográficas.

Texto: “*Alguma poesia* — 90 anos”. Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, 29 maio 2020. Disponível em: **<https://fccda.com.br/novo/noticias/alguma-poesia-90-anos>**. Acesso em: 12 nov. 2020.

A Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade publicou uma página em comemoração ao aniversário de noventa anos de *Alguma poesia*, celebrado em 2020. A página conta a história da publicação do livro, apresenta imagens da primeira edição, além de incluir uma palestra do jornalista e escritor Edmílson Caminha sobre a obra. Há ainda curiosidades e vídeos com declamações dos poemas de *Alguma poesia*.

Canal do Instituto Moreira Salles (IMS) no YouTube. Disponível em: **www.youtube.com/c/imoreirasalles/search?query=Drummond**. Acesso em: 12 nov. 2020.

O canal apresenta diversos vídeos produzidos pelo IMS, entre aulas, palestras, declamações e recitais, muitos deles produzidos como comemoração do Dia D (dia em que se comemora o aniversário de Drummond). Um vídeo interessante é o que mostra o poema “No meio do caminho” declamado em onze idiomas.

Áudio: “Drummond na música”, 28 out. 2015. Rádio Batuta, Instituto Moreira Salles. Disponível em: **<https://radiobatuta.com.br/selecao/drummond-na-musica>**. Acesso em: 12 nov. 2020.

Na página, é possível escutar dez canções baseadas em versos de Drummond, inclusive Belchior (1946-2017) interpretando “Sentimental”, de *Alguma poesia*. “Flor da idade”, de Chico Buarque, brinca com os ver-

sos de “Quadrilha”. Além desses, são apresentadas canções de José Miguel Wisnik, Adriana Calcanhoto e Milton Nascimento, entre outros.

Podcast: “Carlos Drummond de Andrade”. Rádio Companhia, 2017. Disponível em: <https://soundcloud.com/companhiadasletras/podcast-20-drummond>. Acesso em: 12 nov. 2020.

O episódio de podcast apresenta uma intrigante entrevista que Drummond concedeu a Maria Julieta, sua filha, em 1984. A filha e entrevistadora provoca o pai e poeta e eles discutem temas como o amor, a religião, o envelhecimento, a trajetória e o processo criativo do poeta.

Documentário: *Carlos Drummond de Andrade*. TV Cultura, 2011. Sem classificação indicativa. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=kMZHoLdfLV0. Acesso em: 12 nov. 2020.

O documentário explora a vida e a obra de Drummond por meio de fotografias, entrevistas e declamações de poemas. Traz algumas imagens do documentário *O fazendeiro do ar*, de 1972, algumas imagens de pessoas lendo “E agora, José?” e dialogando com o poema. Há também entrevistas com escritores e especialistas na obra do poeta.

Documentário: *O fazendeiro do ar*, de Fernando Sabino e David Neves. Brasil, 1972, 10 min. Sem classificação indicativa.

O curta-metragem tem o próprio Drummond como protagonista, apresentando imagens de sua vida, da família e da rotina no Rio de Janeiro. Ele comenta sua infância, educação, a relação com Minas Gerais e seu ofício como poeta.

Documentário: *Poeta de sete faces*, de Paulo Thiago. Brasil, 2002, 94 min. Sem classificação indicativa.

O documentário se divide em três etapas: “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”, “A vida apenas, sem mistificação” e “Como ficou chato ser moderno, agora serei eterno”. O elenco conta com Claudio Mamberti, Paulo Autran, Paulo José e Zezé Motta, entre outros.

Documentário: *Itabira: berço da Vale*, de Cristina Aragão. Produzido e veiculado pela GloboNews, 2019, 24 min. Sem classificação indicativa.

O documentário mostra um passeio pelas ruas da Itabira contemporâ-

nea e o medo dos moradores de um possível rompimento de barragem, além de parte da história de Drummond sobre os espaços de sua origem. As imagens atuais são mescladas a outras da infância do poeta e a declamações feitas por ele.

Especial sobre Carlos Drummond de Andrade publicado no aniversário de trinta anos da morte do escritor. *Folha de S.Paulo*, 2017. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/drummond/biblioteca-de-drummond>. Acesso em: 12 nov. 2020.

O material interativo compila fotografias, poemas e declamações, reportagens e curiosidades sobre a vida e a obra de Drummond. Entre os diversos textos publicados, há análises de sua obra, uma reportagem sobre Itabira, sobre a estátua do poeta em Copacabana e a respeito de sua produção de crônicas.

Artigo: “Mineração destruiu cartão-postal”, *Folha de S.Paulo*, 22 jul. 2002. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx2207200204.htm. Acesso em: 12 nov. 2020.

Esse texto explora a destruição do pico do Cauê, em Itabira, e a relação de Drummond com as transformações pelas quais passou sua cidade natal.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

Em volume da coleção Folha Explica, o autor faz um panorama claro e didático da obra de Drummond, passando pelos livros mais importantes publicados pelo poeta. A introdução apresenta uma contextualização do momento histórico e cultural do poeta e o capítulo “Alguma poesia” explora temas gerais presentes nesse livro de estreia, comenta as características do tom humorístico expresso em seus poemas e propõe breves análises de alguns textos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A BNCC estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

BRITTO, Luiz P. L. *Ao revés do avesso: leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

Nos oito ensaios desse livro, o professor e pesquisador questiona, a partir de sólida fundamentação teórica, diversos aspectos do senso comum vinculados à formação de leitores e ao ensino da literatura nas escolas. Considerando a realidade brasileira, os ensaios nos provocam a repensar as práticas e, mais do que isso, as concepções idealizadas sobre os leitores e a leitura. Nesse sentido, o breve “Leitores de quê? Leitores para quê?” se destaca ao questionar o que é “ser leitor”, para pensarmos em quem queremos formar.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

O volume apresenta parte teórica do curso de teoria literária ministrado pelo professor Antonio Candido na Universidade de São Paulo

(USP) em 1963 e 1964. Trata-se, dessa forma, de um curso completo que propõe análise detida de poemas específicos e também generalizações conceituais. O capítulo “Os fundamentos do poema”, por exemplo, trata de sonoridade, rima, ritmo, metro e verso.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletir sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece importantes considerações sobre aspectos que devem ser levados em conta no planejamento de atividades que envolvam a leitura autônoma, a leitura compartilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, o livro se configura como uma importante referência para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

O professor propõe uma caminhada ao lado de Drummond, passando por todas as fases de sua produção poética. Apesar da amplitude da empreitada, o autor oferece leituras minuciosas de poemas e obras de Drummond. O capítulo “Primeira poesia” trata especificamente de *Alguma poesia*, apresentando análises de alguns de seus poemas e uma leitura importante da obra como um todo.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Partindo de uma visita a Itabira, Wisnik se propõe a investigar as relações entre a obra de Drummond e a mineração no estado natal do poeta, percebendo a importância que a atividade mineradora tem para a obra dele. O livro é entremeado por análises de poemas e a história da mineração no país, a fim de jogar luz em aspectos pouco discutidos anteriormente e de reinterpretar a obra de Drummond.

OBRAS CITADAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 out. 2020.
- CANDIDO, Antonio. “Inquietudes na poesia de Drummond”. In: *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2011.
- FERREIRO, Emilia. “Sobre as não previstas, porém lamentáveis consequências de pensar apenas na leitura e esquecer a escrita quando se pretende formar o leitor”. In: ESCOLA DA VILA — CENTRO DE FORMAÇÃO. *30 olhares para o futuro*. São Paulo: Escola da Vila — Centro de Formação, 2010. Disponível em: www.escoladavila.com.br/html/outros/2010/30_anos/pdf_30/30_textos/14_Emilia.pdf. Acesso em: 11 out. 2020.
- MOSS, Joy F. *Literary Discussion in the Elementary Classroom*. Urbana: National Council of Teachers of English, 2002.
- SIRO, Ana. “Repensar o poético no contexto escolar”. In: ESCOLA DA VILA — CENTRO DE FORMAÇÃO. *30 olhares para o futuro*. São Paulo: Escola da Vila — Centro de Formação, 2010. Disponível em: www.escoladavila.com.br/html/outros/2010/30_anos/pdf_30/30_textos/03_Ana%20S.pdf. Acesso em: 11 out. 2020.